



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**MARGÔ LENI TAUBE
(Depoimento)**

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-257

Entrevistado: Margô Leni Taube

Nascimento: 29/09/1954

Local da entrevista: Residência da entrevistada na cidade de Canoas (RS)

Entrevistadora: Luciane Silveira Soares

Data da entrevista: 26/01/2012

Transcrição: Tuany Defaveri Begossi

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 36 minutos com 36 segundos

Páginas Digitadas: 17

Observações: Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Luciane Silveira Soares intitulada *Memórias em Movimento: histórias do Grupo de Dança da UFRGS* desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento da entrevistada com o Grupo de Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Criação do Grupo; Formação em Educação Física; Influência do Grupo na sua trajetória profissional; Processo de criação coreográfica do Grupo; Principais coreografias; cenário da dança em Porto Alegre; Participação de bailarinos homens do Grupo; Encerramento das atividades do Grupo.

Porto Alegre, 26 de janeiro de 2012. Entrevista com Margô Leni Taube a cargo da pesquisadora Luciane Silveira Soares para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.S. – Qual o teu tempo de permanência no Grupo de Dança da UFRGS¹ e quais os papéis que tu desempenhaste dentro do Grupo?

M.T. – Permanência, me deixa ver, foi em 1976 oficialmente que a gente começou até 1983. E papéis que desempenhei lá dentro? Nós tínhamos assim, uns cargos meio... Nós ajudávamos a Morgada² em algumas coisas mas nada muito... A Morgada praticamente fazia tudo [risos] e nós não ajudávamos muito.

L.S. – Tu eras aluna de Educação Física?

M.T. – Não, eu já estava formada, eu já tinha me formado.

L.S. – Quando tu entraste no Grupo, tu já eras formada?

M.T. – Já, porque eu me formei em 1975. Mas, eu comecei com a Morgada antes. Na faculdade eu comecei a fazer dança com ela, onde surgiu a idéia de se fazer o grupo de dança e foi nas aulas de prática desportiva. Nós tínhamos, naquela época, a prática desportiva que era obrigatória na UFRGS para os alunos: tinha futebol, basquete e tinha a dança e era a Morgada que dava essas aulas de dança para a prática desportiva, então, vinha gente de toda a faculdade para fazer a prática. Quem gostava de dança ia fazer. E quando eu entrei na ESEF³ eu soube disso, eu entrei em 1973 na ESEF. Eu soube que tinha aula de dança e eu ia assistir às aulas da prática desportiva. Então, eu assistia às aulas da Morgada, eu via e, depois, tive a disciplina com a Morgada. Daí eu pedi a ela para fazer as aulas da prática desportiva porque eu adorava dançar e eu queria fazer a aula...Ela deixou e eu comecei as aulas da prática ali, antes de me formar e antes do

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Morgada Assumpção Cunha, professora da Escola Superior de Educação Física e diretora do Grupo.

³ Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Grupo. E aí surgia sempre: “Vamos montar um grupo, vamos fazer um grupo”. E a ideia dela era montar um grupo e a gente sempre beirando ela [risos]. E aí, em 1975, ela disse: “A gente vai montar o grupo, nós vamos iniciar o grupo” e, em 1976, nós começamos... Logo no início, assim, a gente começou o Grupo mesmo, oficialmente.

L.S. – E tu já tinhas experiência em dança anterior à entrada na ESEF?

M.T. – Eu tinha. Eu comecei a dançar meio tarde porque eu morava aqui em Canoas⁴, e não tinha escola, tinha que ir para Porto Alegre. Então eu comecei a dançar quando eu fui fazer o segundo grau em Porto Alegre; eu tinha 14 ou 15 anos e comecei a fazer ginástica rítmica, mas tudo na escola e, depois, comecei a fazer ballet, daí fiz ballet...

L.S. – Lá em Porto Alegre?

M.T. – Em Porto Alegre, isso. E aí eu entrei na ESEF e eu soube das aulas de dança. Comecei a praticar aquelas aula de dança e a gente montou o Grupo; a Morgada formou o Grupo e nós fomos as primeiras, nós já estávamos na porta [risos]

L.S. – E tu lembra qual foi a primeira formação, assim, as pessoas?

M.T. – Das pessoas que estavam, não me lembro, puxa vida! Essa foto que eu tenho aqui que é uma das primeiras. Essa aqui é uma das primeiras aulas que a gente teve lá, como grupo de dança em 1976⁵...

L.S. – Sim, agosto.

M.T. – Só que a gente começou antes, começamos, acho que em março mesmo. A Elizabeth Sivinski⁶ essa aqui, a Eleonora⁷.

L.S. – E elas ainda eram alunas ou estavam todas formadas?

⁴ Cidade próxima à Porto Alegre.

⁵ A entrevistada mostra uma fotografia à entrevistadora.

⁶ Elizabet Sivinski, integrante do Grupo de dança da UFRGS.

⁷ Eleonora Chiden, integrante do Grupo de dança da UFRGS.

M.T. – Eram alunas que não eram da Educação Física; tinha gente que não era da Educação Física e que faziam parte do... E vinha gente de fora, porque era aberto para a toda a Universidade...

L.S. – Quando formou o Grupo foi uma união de pessoas que já se conheciam ou abriu uma seleção?

M.T. – Não, eram pessoas que já se conheciam e daí muita gente ficou sabendo. “ah, tem um grupo de dança” e vinham perguntar se podiam entrar ou era indicado por alguém. Daí começou a...

L.S. – E vinha muita gente?

M.T. – De fora?

L.S. – Para participar do Grupo?

M.T. – Olha, vinha bastante gente. Nós tínhamos um grupo grande de pessoas que faziam aula e daí as coreografias eram feitas em grupos. Nós chegamos a ter mais de vinte pessoas.

L.S. – E como é que era a prática das aulas, a regularidade de ensaios?

M.T. – Olha, a gente fazia aulas... Naquela época, da prática esportiva, era quarta de noite e sábado de manhã. Depois a gente continuou... Quando montou o Grupo, quando o Grupo se formou, nós continuamos, na quarta à noite e sábados pela manhã. Depois, com o tempo, a gente fazia segundas, quartas e sextas à noite e sábado de manhã. Fazíamos aula de ballet clássico, a Morgada nos conseguiu uma professora de ballet clássico e a gente fazia aula; chegava a ser duas horas de aula de ballet e depois ensaio. Daí, ela montava coreografia, a gente ensaiava.

L.S. – E como tu caracterizarias o grupo de dança da UFRGS? Qual tipo de dança, que o grupo de dança da UFRGS fazia?

M.T. – Contemporâneo mais que ele fazia, jazz e contemporâneo. Ela⁸ tem um contemporâneo “teatro”, eu chamaria de “dança teatro”, mas não sei também, as pessoas que entendem mais da dança teatro caracterizariam essa dança assim. Porque ela usava muito a expressão, fazíamos muito trabalho de expressão e até hoje ela faz bastante. Então, não sei, mas é contemporânea, a gente fazia jazz também e de formação, ballet clássico, para formação.

L.S. – E aulas de contemporâneo não?

M.T. – Com ela ali assim, no Grupo mesmo.

L.S. – E com a entrada no Adans⁹, depois, vocês começaram a fazer uma prática mais diferenciada?

M.T. – Depois, com o tempo?

L.S. – Com a entrada do Adans Marroquín.

M.T. – Com o Adans. Pois o Adans foi um rapaz que apareceu no Grupo porque soube que existia o grupo da UFRGS. Ele veio, ele era... Ele tinha, acho que um convênio ou intercâmbio da UFRGS e ele era um aluno desses de convênio. Não sei direito, vou ter que perguntar para ele, como que ele veio para cá. E aí, ele disse que soube que tinha o grupo da UFRGS e que ele queria participar. Mas, ele fazia dança lá¹⁰, eu acho, porque ele acabou até nos dando aula, fazendo coreografia. Ele dançava muito bem, então, já veio com uma formação... A formação dele não foi aqui, ele já veio com essa formação.

L.S. – E ele dava aulas e dançava também?

⁸ Referência à professora Morgada Cunha.

⁹ Adans Iraheta Marroquín, integrante, professor e coreógrafo do Grupo de Dança da UFRGS.

¹⁰ Referência a El Salvador onde residia o dançarino.

M.T. – E dançava. Eu não sei se tu já chegaste a falar com ele...

L.S. – Não, ainda não.

M.T. – Pois é, seria interessante, para ver como que ele... Porque eu lembro que ele apareceu no Grupo querendo entrar e a Morgada nos apresentou que ele era aluno da Engenharia da UFRGS e que ele queria dançar.

L.S. – E, das coreografias, tu participaste de todas? As coreografias...

M.T. – Quase todas. Um sim, porque às vezes a gente fazia em grupos. Um grupo fazia uma coreografia, outro grupo outra coreografia, para intercalarmos para não cansar tanto e não parar para trocar de roupa.

L.S. – E quais coreografias tu destacarias dentro dessa produção do Grupo?

M.T. – Eu destacaria “Os Gatos”¹¹, aquela dos gatos; “Colméia” foi muito linda, essa que o Adans fez do “Ontem, hoje e sempre” também foi muito linda. Então, obras que marcaram para nós que estávamos participando e acho que até para as pessoas.

L.S. – E, por exemplo, falando um pouco das coreografias, vocês participavam do processo de criação. Como é que se dava até chegar ao resultado final?

M.T. – Às vezes sim, às vezes a gente participava. A Morgada fazia laboratórios, então, a gente fazia umas coisas e ela: “Vamos voltar isso”, modificava... As coreografias eram dela; ela que pensava e que bolava tudo mas a gente participava fazendo esses laboratórios, essas coisas, a gente meio que... E teve uma coreografia que foi feita pela Marga¹² e por mim, que é das Brincadeiras¹³, que a gente não dançava, somente coreografamos e acho que só. O resto tudo ela e o Adans que coreografavam.

¹¹ Referência à coreografia Rapsódia Felina, de Morgada Cunha.

¹² Referência à Margareth Leyser, integrante do Grupo de Dança da UFRGS.

¹³ Brincadeiras, coreografia de Margô Taube e Margareth Leyser.

L.S. – Depois de quanto tempo de Grupo tu começaste a coreografar?

M.T. – Dentro do grupo?

L.S. – É.

M.T. – A “Brincadeiras” eu nem sei quando é que foi. Deixa-me dar uma olhada aqui. Quando é que foi aquela coreografia? Essa aqui a gente não dançou - eu e a Marga - a gente só fez a coreografia. Era essa aqui ó¹⁴ [...] Tinha tanta gente que a gente não se lembra mais das pessoas; quando a gente olha a foto é que lembra “Ah, fulano”... Essa que foi a das coreografias, que o Adans fez; o “Brasiliando” também marcou bastante porque tinham aqueles degraus, a gente dançava nos degraus... O pessoal se lembra bastante da “Colméia”, do “Brasiliando”, dos “Gatos”, lembra do Grupo.

L.S. – E essas coreografias, tu achas que tinha alguma relação com o que acontecia em dança na cidade, no Brasil, assim, o movimento da dança contemporânea, o movimento moderno?

M.T. – Não sei, acho que não. Eu não sei o que a Morgada tinha de pensamento naquela época.

L.S. – E o que vocês tinham acesso, por exemplo, do que vinha de fora ou mesmo que tinha na cidade, tu lembras mais ou menos?

M.T. – Ah, a gente assistia alguns espetáculos mas éramos bem novas no meio, sabe?
[risos]

L.S. – Não ligava muito...

¹⁴ A entrevistada mostra uma fotografia da coreografia “Brincadeiras”.

M.T. – É, como a Pina Bausch que eu fui assistir... Eu achei, assim, a primeira vez que eu fui ver: “Ai que coisa mais estranha”. Hoje eu acho a coisa mais linda do mundo [risos]. Naquela época: “que coisa mais estranha isso” porque nós não tínhamos muita vivência, então, o grupo serviu para nos abrir, sabe? Abrir a nossa... E nos direcionar... Eu, por exemplo, resolvi ser professora de dança naquela época que eu fiz aula com a Morgada.

L.S. – Dali que tu seguiste a tua vida profissional.

M.T. – Dali que eu pensei “eu vou ser professora de dança, eu gosto disso, eu adoro isso”. Daí fiz a faculdade de Educação Física mais pensando em trabalhar com dança.

L.S. – A tua carreira foi toda voltada para a dança depois do Grupo?

M.T. – Foi, foi. Eu trabalhei na escola, no Colégio Carlos Chagas¹⁵...Trabalhei com dança muitos anos, só com dança porque o segundo grau se dividia por opções.

L.S. – Carlos Chagas é aqui?

M.T. – Aqui em Canoas. Então, os alunos chegavam ao segundo grau e podiam escolher o que fazer de esporte, basquete, handebol e tinha a dança. Depois dei a aula de Educação Física, normal na escola, no colégio e dava aula na ESEF, fui convidada para dar aula lá na ESEF.

L.S. – Quanto tempo tu ficaste na ESEF?

M.T. – Fiquei quase trinta anos.

L.S. – Também com as disciplinas de dança?

¹⁵ Instituto Estadual de Educação Dr. Carlos Chagas.

M.T. – É, eu tinha a disciplina que o nome era Rítmica I e depois eu modifiquei o nome, mudei o nome para Análise e Expressão Rítmica, que é disciplina de primeiro semestre. Aquela eu fiquei todo o tempo, toda a minha carreira na UFRGS e depois eu dei alguns semestres de dança mesmo, quando a Morgada não podia, Ginástica Rítmica, acho que eu dei um ou dois semestres, quando a Zelira¹⁶ entrou em licença. Então, a gente, às vezes, substituía uma professora. Ginástica também, trabalhava com a prática desportiva- ginástica, mas mais com dança.

L.S. – E paralelo tu já tinhas a tua escola de dança?

M.T. – Eu comecei aqui em 1982.

L.S. – No término do Grupo.

M.T. – É.

L.S. – Bom, mas ainda estava no Grupo.

M.T. – Em 1982, vai fazer trinta anos.

L.S. – E vocês tinham alguma reflexão do que acontecia na dança em Porto Alegre? De que forma tu achas que o Grupo de Dança da UFRGS, apesar de estar dentro da Universidade, se relacionava com a dança em Porto Alegre?

M.T. – Naquela época, o primeiro - como é que eu vou dizer - a primeira explosão de grupos de dança que eu notava... Tinha vários grupos, que eu não me lembro nem direito o nome. Na Escola Mudança¹⁷ tinha um grupo que era um grupo assim mais famoso; tinha o Imbahá¹⁸ que a gente disputava, assim, era aquela coisa, a gente sempre: “Nós temos que dançar coisas melhores do que eles fizeram” [risos]. Sabe? Aquela coisa, mas

¹⁶ Zelira Mendes Eichemberg, professora da Escola de Educação Física da UFRGS.

¹⁷ Academia Mudança fundada por Eva Schul onde também formou o Grupo do mesmo nome.

¹⁸ Imbahá Grupo de Dança. Grupo de dança contemporânea criado por Lenita Ruschel Pereira.

é uma coisa saudável, uma coisa bonita, boa. E olhar: “Que lindo o que eles fizeram, a gente tem que fazer uma coisa...”. E outros grupos assim... Não sei talvez o Gilson¹⁹ se lembra de outros grupos porque ele dançava em vários grupos. Mas, assim, a gente foi para o primeiro ENDA²⁰, foi a primeira vez que a gente saiu para um festival... Não existiam festivais, como agora tem festival por tudo que é lugar. E naquela época, foram os primeiros movimentos e a gente foi para São Paulo para o primeiro ENDA, encontro de dança. As coisas estavam surgindo naquela época.

L.S. – Mas vocês tinham conhecimento dos outros grupos e da condição dos outros grupos também?

M.T. – Sim.

L.S. – E era similar o que vocês faziam ou não?

M.T. – Não. Às vezes não. Tinha um grupo só de Jazz, por exemplo. Esse Imbahá era mais contemporâneo, jazz, de tudo assim.

L.S. – Apesar de estar dentro de uma Universidade, tu achas que ele tinha destaque como os outros grupos?

M.T. – Eu acho que sim porque fazíamos espetáculos e muita gente ia, até de outros grupos e expectadores comuns. Muita gente ia. Nós sempre, digamos, lotávamos a Reitoria até porque nós fazíamos espetáculos gratuitos... Vários gratuitos a gente fez. Mas, eu acho que o pessoal ia para ver o que a Universidade estava produzindo.

L.S. – E vocês tinham conhecimento de outro grupo dentro de universidade? Grupo de dança.

M.T. – Daqui?

¹⁹ Gilson Petrillo, integrante do Grupo de Dança da UFGRS.

²⁰ Encontro Nacional de Dança.

L.S. – Ou do Brasil...

M.T. – A gente tinha contato com o Cisne Negro²¹, que surgiu também dentro, se não me engano, dentro - também não quero falar coisa que não é - mas se não me engano, eles eram alunos da Educação Física, da Faculdade e formaram um grupo lá. Porque nós tivemos contato com eles e o rapaz que fez uma coreografia para nós - eu não vou lembrar o nome, depois eu te digo - e nós fomos para lá. Quando fomos para participar desse primeiro ENDA, ficamos na escola deles; eles tinham um alojamento na escola e a gente ficou lá... E depois ele veio para cá, fez uma coreografia que foi essa última coreografia que a gente dançou, dançamos lá em Tramandaí²², era dele, o Armando²³, que era do Cisne Negro. Então, ele dizia que tinha iniciado assim, se reunido com o pessoal que queria dançar dentro da universidade e formaram o grupo.

L.S. – E de outros, na época, não?

M.T. – Que eu me lembre, não. Pode ser até que... Se eu lembrar de alguma coisa eu te digo, mas eu não me lembro, assim, que surgiram assim como o nosso.

L.S. – Bom, o Grupo de Dança da UFRGS, pelo que eu estou vendo tem tudo a ver com a tua vida profissional. Queria que tu falasses dessa experiência, durante e pós Grupo de Dança da UFRGS.

M.T. – É, como eu te disse: o Grupo foi decisivo. Acho que o meu contato com a Morgada foi decisivo porque ela tinha uma linha de trabalho que eu gostava e ela uma pessoa com uma disciplina muito rígida. Eu comecei a fazer aula com ela e gostei muito assim do trabalho, gostei muito das aulas, comecei a pensar: “Eu vou trabalhar com dança” e eu fazia ballet, já fazia ballet...

L.S. – Com quem tu fazias ballet?

²¹ Cisne Negro Cia. de Dança, de São Paulo.

²² Cidade litorânea do Rio Grande do Sul.

²³ Armando Duarte, um dos fundadores da Cisne Negro Cia. De Dança

M.T. – Com a Beth Gutierrez²⁴... Muito tempo ali. E vou dar aula e vou trabalhar com dança e comecei a trabalhar na escola. E a Morgada tinha esta experiência de trabalho em escolas, dança na escola. Então, a gente estava sempre em contato e conversava e ela me dava umas dicas, me orientava e tudo...

L.S. – Tu continuas tendo ligação com a Morgada?

M.T. – Sim. Nós passamos um tempo, assim, eu só ligava no aniversário dela. [risos] A gente passou bastante tempo sem se ver e tudo, até que ela fez uma festa de aniversário e convidou todo o Grupo para ir naquela festa e a gente se reuniu de novo: “Ah, nós vamos voltar a dançar, se reunir de novo”.

L.S. – E o término, por que vocês acabaram com o Grupo?

M.T. – Pois é. Isso aí foi uma coisa que até hoje nós discutimos no Grupo, por que nós terminamos. Foi muito estranho assim... A Morgada sempre dizia que ela estava cansada dessas coisas, porque a Morgada não gosta dessas coisas, ninguém gosta dessas coisas burocráticas em volta, de ter que arrumar iluminador, de ter que arrumar teatro. Teatro a gente sempre tinha, da UFRGS, mas de lidar com essas coisas atrás, ela é da criação, de fazer o trabalho, de criar e de apresentar e de formar. E essas coisas em volta é muito ruim, eu também passo por isso.

L.S. – Sim. Porque ela mudou muito.

M.T. – Aqui na escola. Então acaba e a gente tem que procurar isso e aquilo e a costureira...

L.S. – Tem toda a produção...

M.T. – Toda uma produção em volta e isso ela estava muito cansada; estava muito cansada que não aguentava isso... E não sei se foi a gota d’água e alguma coisa entre o

²⁴ Elisabeth Gutierrez Etges, fundadora da Escola de Dança Ballet Gutierrez

Grupo porque tem atritos entre as pessoas do Grupo e tudo e aquilo... Sei lá, daqui a pouco não quero mais e vamos terminar. Mas, até hoje a gente se pergunta por que terminou, até ela mesma, às vezes, a gente pergunta: “Morgada, o que aconteceu?” Pois é a gente fica pensando não se sabe direito o que aconteceu. Acho que, às vezes, a gente cansa só que é só dar um tempo [risos]. Mas, também... E os compromissos da gente também, profissionais e tudo. A vida vai mudando, eu noto aqui, na minha escola, o pessoal vem, a gurizada vem dançando até certo ponto... Daqui a pouco, não dá mais porque tem trabalho, tem a faculdade, tem a família, tem gente que casa e, sabe, então acabam deixando. Então, acho que isso também foi acontecendo. As pessoas casando e tendo família, eu estava grávida, também tinha casado, a outra não sei o quê, e é o estudo, é o trabalho, é tudo junto.

L.S. – E qual foi a última apresentação do Grupo, como Grupo de Dança da UFRGS, tu lembra?

M.T. – Como espetáculo, eu acho que foi em 1982. Em 1983 a gente ainda continuou... Aquela apresentação lá de Tramandaí ainda foi com o Grupo de Dança da UFRGS, se eu não me engano, foi sim e depois eu não sei mais.

L.S. – Aí decidiram por...

M.T. – Eu acho que aquela apresentação ainda foi do Grupo.

L.S. – E entre vocês, bailarinos, como é que era a relação de vocês dentro do Grupo, como espaço social, qual a importância disso?

M.T. – Era muito bom, assim, bem espaço social mesmo; a gente ia, claro, com aquele compromisso de se trabalhar bastante, fazer a aula, fazer coreografia e tudo... Mas era um momento social de nos reunirmos, a gente, volta e meia, saía juntos, fazia alguma coisa juntos, era um bom grupo, tinha um contato muito bom.

L.S. – E, às vezes, vinha gente de fora fazer aulas ou não? Era fechado.

M.T. – Olha, não era fechado mas era, às vezes... O pessoal, não sei se não tinha contato, se não sabia direito como era o Grupo mas, às vezes, as pessoas vinham porque queriam participar do Grupo, muita gente veio para participar. De outros cursos, gente que não era da Educação Física.

L.S. – E conforme vocês começaram, como alunos, pouca experiência em dança, provavelmente, ao longo dos anos, como que isso foi evoluindo. De que forma tu vês uma evolução dentro do trabalho, tu te tornaste coreógrafa também... Esse movimento... Vocês eram quase um grupo profissional de dança, foram se encaminhando, se tivessem continuado talvez tivesse tido um grupo profissional.

M.T. – A gente queria mas nunca se conseguiu; a gente queria viver de dança mas é tão difícil, naquela época, se hoje já é difícil naquela época era mais difícil.

L.S. – Então, o que faltou para isso acontecer?

M.T. – Eu acho que patrocínios, verba, isso que eu acho que falta para tornar um grupo profissional, que a gente possa viver daquilo... Para viver da dança precisa de dinheiro, eu acho que faltou isso mesmo. Apesar de termos, a FUNARTE²⁵ que nos dava uma verba, mais usávamos mais para a indumentária, cenários, coisas assim, para pagar bailarinos. Nós não tínhamos uma verba para pagar bailarinos. Então, é uma pena, mas é o que é a dança. A dança é assim; hoje em dia poucos são os grupos que recebem, que tem um patrocínio e que são profissionais porque recebem para dançar e podem ficar... Dar-se ao luxo de só dançar e viver da dança; geralmente o bailarino dança, mas vive de várias outras coisas, dá aula, se vira [risos], para conseguir viver da dança.

L.S. – O que tu achas que era, por exemplo, inovador dentro do grupo, considerando a cena da dança em Porto Alegre. Digamos assim, ou aqui da tua região, o que tu conhecia de dança, o que era diferente dentro do grupo de dança da UFRGS. O que, por exemplo, fazia as pessoas quererem dançar naquele grupo?

²⁵ Fundação Nacional das Artes.

M.T. – Pois é, a Morgada é uma pessoa que eu considero... Ela era uma pessoa inovadora naquela época... Eu achava que as coreografias eram diferentes do que o pessoal fazia porque ela usava muita expressividade teatral no meio que não se usava tanto assim. Acho que isso era uma das coisas, no meu modo de ver, uma coisa que chamava atenção.

L.S. – E a participação de homens dentro do Grupo?

M.T. – A gente tinha alguns rapazes mas eles não ficavam muito tempo, porque rapazes é mais difícil assim de se manter na dança.

L.S. – E naquela época, tu achas que também era difícil?

M.T. – Era sim, muito difícil, acho que mais até. Então, o Adans foi um que ficou anos com a gente, o João Paulo²⁶ participou também, o Wladimir²⁷ ficou no tempo... Ele era um menino que fazia aula de ballet fora, geralmente, eram meninos, rapazes que faziam aula com outras pessoas e dançavam com a gente. Então os rapazes dançam em vários grupos e, como tem poucos, eles vão dançando... Até hoje em dia, acho que ainda é assim, os rapazes vão dançando em vários grupos.

L.S. – E tu achas que isso acrescentava? Porque eles vinham de fora, com outras experiências em dança.

M.T. – Sim, o Gilson ficou um tempo conosco também, o Carlos²⁸ foi um rapaz que ficou bastante tempo. Têm vários e a gente vai... Eu acho que cada uma que tu entrevistar lembra-se de algumas pessoas mais [risos]

L.S. – Lembra de alguém mais...

M.T. – De pessoas a mais. Era muito boa a participação dos homens.

²⁶ João Paulo F. Diehl, integrante do Grupo de Dança da UFGRS.

²⁷ Wladimir Antônio Garcia, integrante do Grupo de Dança da UFRGS.

²⁸ José Carlos Cechin, integrante do Grupo de Dança da UFRGS.

L.S. – E ao longo desses anos, teve muita rotatividade de bailarinos?

M.T. – Bastante. Tinha um grupo que permanecia, que são as antigas: a Margareth, a Simone²⁹, a Leci³⁰ esse pessoal que a gente se encontra agora, que era um pessoal que, digamos, que permaneceu vários anos, muitos anos, até o final. E tinha o pessoal que entrava, ficava um dois anos, saía; entravam outros, mas tinha aquele grupo mais, digamos, de umas doze ou treze pessoas que ficaram bastante tempo.

L.S. – É um número grande de pessoas.

M.T. – Era.

L.S. – Hoje em dia, um grupo com mais de dez é difícil.

M.T. – Pois é. É por isso que eu disse, naquela época, a gente chegou a ter vinte pessoas, claro, que nem todo mundo dançava tudo. A gente dividia os grupos e tinha aquelas que dançavam mais porque estavam há mais tempo, já tinham mais experiência, mais tempo de grupo.

L.S. – No livro da Morgada, ou em uma reportagem, agora não me recordo, dizia que existia um estatuto, dentro do Grupo. Tu tens conhecimento disso?

M.T. – Tinha, mas tu sabes que eu nem sei aonde, será que a Morgada tem isso?

L.S. – Não...

M.T. – Não também. A gente fez assim, eram as nossas regras, digamos, mas eu não lembro mais. Acho que não temos mais o livro. Que pena!

²⁹ Simone de Souza Aguiar, integrante do Grupo de Dança da UFGRS.

³⁰ Leci Ranzi, integrante do Grupo de Dança da UFGRS.

L.S. – E vocês tinham uma certificação, no final de cada ano, da Pró-Reitoria de Extensão?

M.T. – É, isso.

L.S. – De participação?

M.T. – De participação porque era um projeto de extensão, digamos, iniciou como um projeto de extensão. E a gente ganhou algumas menções honrosas de apresentações que a gente fazia...

L.S. – Fora de Porto Alegre?

M.T. – Não, aqui em Porto Alegre

L.S. – É, aqui em Porto Alegre mesmo?

M.T. – Era isso aí.

L.S. – Então, Margô. Eu te agradeço, deixo disponível para que se você quiser falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado sobre o Grupo...

M.T. – Se eu me lembrar de mais alguma coisa, porque, às vezes, até as pessoas que participaram, às vezes, a gente não... Que eram as pessoas que a gente não teve mais contato e daí a gente olha nas fotos: “Mais o fulano o outro fulano”, sabe? Quando a gente estava pensando em reunir o Grupo de novo, a gente ficou: “Quem é que era fulano?” Daí cada uma dizia: “É o fulano, é a fulana e não sei o quê” e a gente tentando entrar em contato com essas pessoas.

L.S. – Então, o que significava para ti esse retorno agora?

M.T. – Para mim, foi muito, muito, bom porque nós nos reunimos. A primeira vez que a gente se reuniu foi naquele jantar que a Morgada fez de aniversário³¹ e a gente se viu depois de tempo e a maioria não dançava mais. Eu dançava aqui na minha escola, alguma coisinha assim, mas muito pouco, então, a gente não dançava mais. Então, a primeira vez que a gente decidiu fazer aula, fazer coreografia, o primeiro dia que nós nos reunimos na sala para fazer aula, estávamos enferrujadas até não poder mais. A gente pensando, a Morgada louca de medo, “Não, vocês não levantem muito o braço, cuidado! Não levanta muito a perna” [risos] Ela pensou: “Elas vão se desmontar na aula comigo” [risos]. Mas, foi muito bom assim, foi um reencontro, a gente... Parece que o tempo não passou, eu me sinto, quando eu estou junto com o pessoal lá ensaiando agora, parece que eu estou lá na sala da ESEF fazendo o trabalho lá. Muito bom.

L.S. – Ah que bom! E me vem à memória daquela época, de como vocês dançavam.

M.T. – Isso mesmo vem à memória o Grupo todo, do pessoal.

L.S. – Coisa boa. Então, eu te agradeço depois se tiver complementações...

M.T. – Pois é, se eu me lembrar de mais alguma coisa do pessoal, dos grupos que tinham naquela época. O Gilson se lembra mais, porque ele dançava bastante com outros grupos, além do nosso. Então, a gente tinha contato. Se eu me lembrar de mais alguma coisa eu te dou uma ligada, a gente conversa mais um tempo.

L.S. – Te agradeço.

M.T. – Eu que agradeço também a oportunidade.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

³¹ Referência ao dia 03 de outubro de 2010.

